

Dibujar y pintar el mundo: Arte, cartografía y política

Compiladores:


Mauricio Nieto Olarte
Sebastián Díaz Ángel

 Universidad de
los Andes



Razón Cartográfica
Red de historia de las geografías y cartografías de Colombia

 COLCIENCIAS

 TODOS POR UN
NUEVO PAÍS
PAZ EQUIDAD EDUCACIÓN

Compiladores: Sebastián Díaz Ángel y Mauricio Nieto Olarte.

Comité editorial: Mauricio Nieto Olarte, Sebastián Díaz Ángel, Lucía Duque Muñoz, Lina Espinosa Salazar, Martha Herrera Ángel, Timothée de Saint-Albin.

Asistente editorial y diagramación: Margarita Sierra

© Textos: Barbara Mundy; Chet Van Duzer; Verónica Uribe Hanabergh; Raquel Fulino de Souza Souza; Javier Eduardo Peña Ortega; Nataniél dal Moro; Isaac D. Sáenz; Daniela Marzola Fialho; Germán Hidalgo Hermosilla; Talita Cabral Machado; Marcela Silviano Brandao Lopes; Gustavo Adolfo González Vanegas; Malena Mazzitelli Masticchio; Thiago Leonardo Soares; José Flávio Moraes Castro; Alejandra Vega Palma; Andrea Doré; Catalina Isabel Valdés Echenique; Lucero Morelos Rodríguez; Enali de Biaggi; Ricardo Alejandro Fagoaga Hernández; Ricardo José Kerguelén Méndez; José Esteban Hernández; Federico Ferreti; Bibiana Ponzini; Teresita Quiroz Ávila; Bibiana Haydee Cicutti; Daniela Nunes Pereira; Amaia Cabranes Rubio; Nara Fuentes Crispín; Andrés Vélez Posada; Maria do Carmo Andrade; Fernanda Padovesi Fonseca; Carla Lois.

© Pósters: Alberto Gómez Gutiérrez; Carlos A. Rodríguez; Eliane Kuvasney; Federico García; Iván Felipe Suárez Lozano; José Arturo Jiménez; Katia Canova; Patrícia Gomes da Silveira; Fabio Romero.

© Fotografías: Mauricio Salinas Rozo.

ISBN 978-958-774-295-4

Todos los derechos reservados. Prohibida la reproducción completa o parcial de esta obra sin la autorización previa y por escrito de los propietarios del copyright.

Díaz Ángel, Sebastián y Nieto Olarte, Mauricio (comp.)

Dibujar y pintar el mundo: Arte, cartografía y política.

Universidad de los Andes, Colombia; Razón Cartográfica, Red de historias de las geografías y cartografías de Colombia.

1. Cartografía - Historia - Iberoamérica - siglos XVI-XX. 2. Ciencia - Historia - Iberoamérica - siglos XVI-XX. 3. Arte - Historia - Iberoamérica - siglos XVI-XX. 4. Política - Historia - Iberoamérica - siglos XVI-XX.

CONTENIDO

Capítulo 1. Presentación	3
Documentos	6
Anexos	9
Capítulo 2. Mesas	15
Apertura. Dra. Barbara Mundy	16
1. Arte, cartografía y cultura: diversas aproximaciones	17
2. Imperios y fronteras: delimitar y dominar	28
3. Habitar y planificar la ciudad: siglos XVI a XX	50
4. Subvertir y desnaturalizar los mapas	64
5. Lenguajes cartográficos	74
6. Imperios: fronteras y poblamiento	94
7. Geología, minería y cartografía	106
8. Redes científicas y políticas del Renacimiento, la Ilustración y la Modernidad	122
9. Entre la ciencia, la ideología y la política. Cartografías del siglo XIX y principios del XX	137
10. Cartografías de la ciudad: siglos XVIII a XX	155
11. Espacios marítimos	178
12. Pintar y cartografiar	198
Clausura. Dra. Carla Lois	213
Capítulo 3. Exposiciones	218
Biblioteca Nacional de Colombia - Tesoros carto-bibliográficos	219
Archivo General de la Nación - Visita técnica a las mapotecas	222
Universidad de los Andes - Sala de Exposiciones Julio Mario Santo Domingo	224

Celebrações Barrocas na Cartografia de José de Sande Vasconcelos

Daniela Nunes Pereira

Cartografías de la ciudad: siglos XVI a XX

Coordina:

Daniela Marzola Fialho

Resenha biográfica: (Guarda, 1981). É Licenciada em Património Cultural (2006) e Mestre em História da Arte (2012) pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. Atualmente é Bolseira de Doutoramento em História - especialização Estudos de Património (2014-2018) no âmbito da Cátedra UNESCO da Universidade de Évora e do Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS-UÉ). (dani_sofia@hotmail.com)

Resumo: José de Sande Vasconcelos foi um engenheiro militar que iniciou o seu trabalho no Algarve (Portugal) por volta de 1772. A ida para o Reino do Algarve, como era então designado, esteve relacionada com a *Restauração* desta região levada a cabo pelo rei D. José I e seu ministro, Sebastião José de Carvalho e Melo (Marquês de Pombal). Durante a sua estadia, de 1772 até ao ano da sua morte, em 1808, José de Sande Vasconcelos produziu mais de centena e meia de levantamentos cartográficos do território algarvio, desde mapas corográficos, estatísticos, topográficos, hidrográficos, geográficos, levantamentos de todos os fortes, fortalezas e baterias, alçados de quartéis e edifícios públicos, entre outros. Desse conjunto cartográfico, expusemos uma reflexão sobre o uso da cartografia ou desenho cartográfico para contar, ilustrar e rememorar temas que são menos comuns na cartografia como as celebrações de carácter barroco, de que são exemplo as festas de inauguração da recém construída Vila Real de Santo António e a entrada do Bispo D. José Maria de Melo no Reino do Algarve.

Palavras-chave: José de Sande Vasconcelos; Cartografia; Algarve; Barroco.

Introdução

O tema que apresentámos no dia 26 de Setembro de 2014, no 5º *Simpósio Ibero-Americano de Historia de la Cartografía (5SIAHC)* "Dibujar y pintar el mundo: Arte, cartografía y política", intitulado *Celebrações barrocas na cartografia de José de Sande Vasconcelos* merece, em primeiro lugar, uma explicação. Geralmente, as celebrações de festas religiosas, matrimoniais, festas fúnebres, entradas Régias, entre outras, aparecem relatadas nos documentos escritos e na pintura, sendo rara a sua representação em suporte cartográfico. A representação destes acontecimentos na cartografia revela que ela (e o próprio engenheiro militar), se prestava a inúmeras funções; e a sua interpretação pode ser múltipla, como se verificou, aliás, pela diversidade de temáticas discutidas ao longo deste Simpósio!

Do conjunto cartográfico produzido por José de Sande Vasconcelos salientam-se dois temas menos comuns do seu repertório: as festas da Inauguração de Vila Real de Santo António, no reinado de D. José I (1776); e a tomada de posse da diocese algarvia pelo Bispo D. José Maria de Melo, no reinado de D. Maria I (1787). Para os confrontar e apresentá-los da melhor forma aos que assistiam a esta sessão foi necessário escolher diferentes levantamentos deste engenheiro militar para comparar e demonstrar os usos e as funções da cartografia, nomeadamente: *Configuração Geográfica do Reino do Algarve* (1784-1794); *Mappa hydrographico da barra da cidade de Faro: feito por ordem do Ill.mo Senhor Agostinho Jansen Moller eº C. que governa as armas de este Reyno do Algarve...* (1782); *Configuração corografica debaixo dos preceitos da geografia moderna do reyno do Algarve* (1783); *Planta da parte fortificada á antiga da Praça de Faro...* (1790-1796); *Borrão do Alçado da planta de Tavira: mapa visto da parte do nascente p'o occidente segundo a direcção e ordens d'Ilmo e Exmo. Senhor Conde de Val de Reys. Gor. e Capam. Gnal. DestRno. do Alge* (1794-1795); *Prospecto da Ponte Construída na Ribrª. Do Delouca mandª fazer; e delineada p.lo Conde de Val de Reys...* (s.d). Esta diversidade deve-se, em grande parte, à formação académica que teve. O seu perfil, enquanto engenheiro militar, foi descrito assim: "hábil para todo o serviço da sua

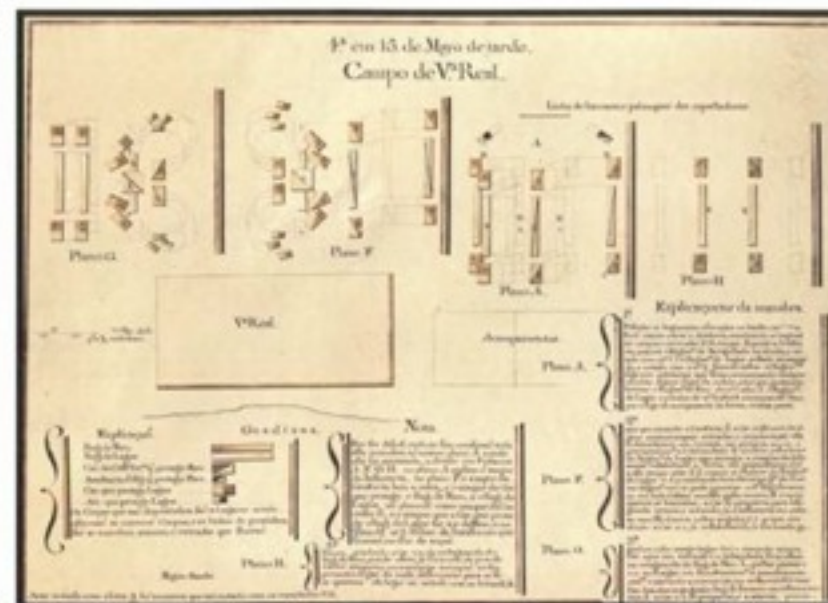
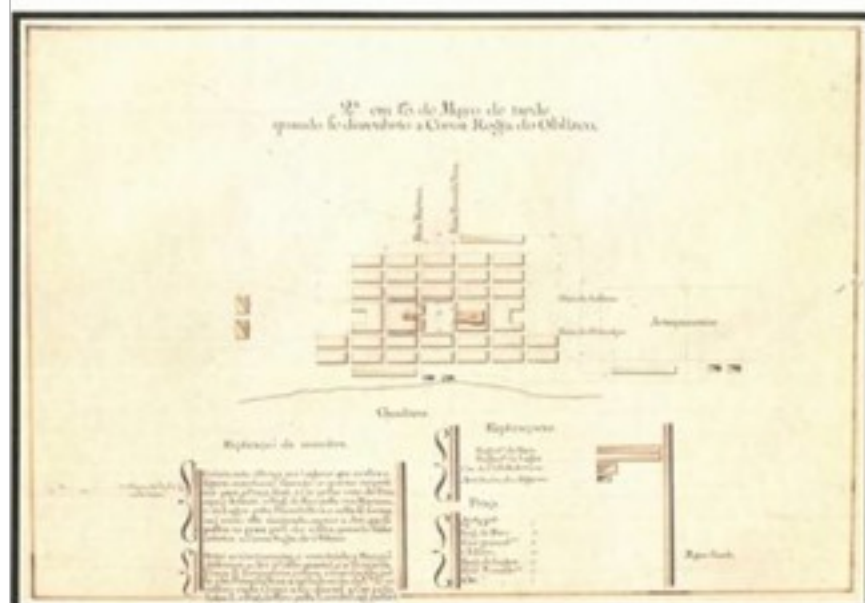
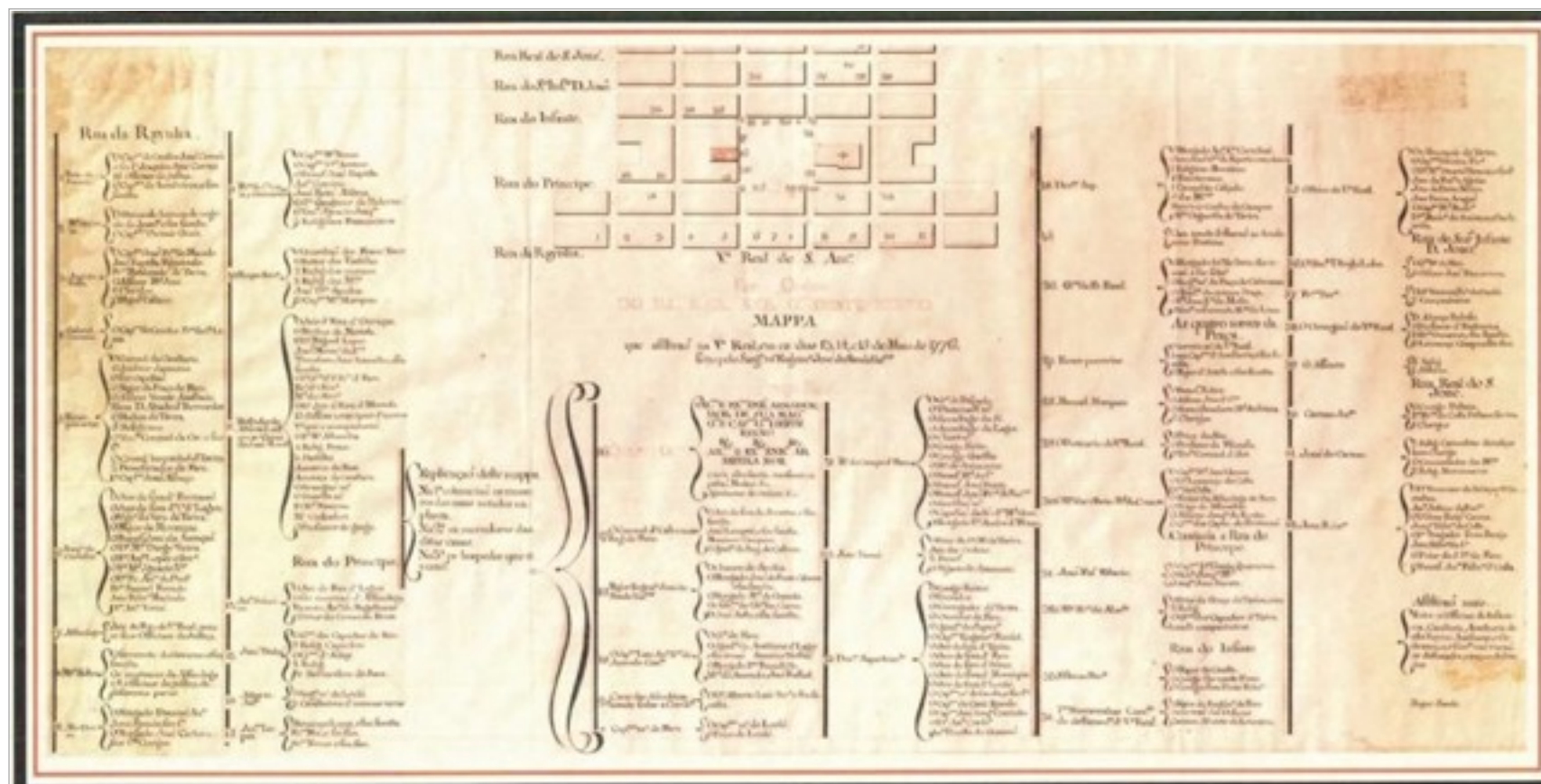
profissão", sendo apreciado e valorizado o facto de saber a língua francesa e dominar as diversas ciências como a Aritmética, Desenho, Artilharia, Álgebra, Arquitetura Civil, Geometria, Medições, Fortificação de Praça, Fortificação de Campanha, Hidráulica, Trigonometria plana, Orçamentos, Stereotomia, Tática Militar¹.

As plantas das festas de inauguração de Vila Real de Santo António

José de Sande Vasconcelos foi o autor de cinco plantas que registam as manobras militares que o Armador-Mor e Capitão Geral do Algarve, D. José Francisco da Costa e Sousa, mandou organizar para as festas de inauguração de Vila Real de Santo António, que decorreram nos dias 13, 14 e 15 de Maio de 1776². Para o primeiro dia de festejo e com o fim de enaltecer o sentido da inauguração da Vila Real de Santo António escolheu-se o 13 de Maio que coincidia com o dia de aniversário do Marquês de Pombal, Sebastião José Carvalho e Melo.

O primeiro desenho é o *Mappa das pessoas distintas que assistiram na Vila Real, em os dias 13,14 e 15 de Maio de 1776*, destinado a relatar como toda a elite algarvia, alguma alentejana e andaluza, fora convidada a instalar-se na vila, recém edificada na margem direita do rio Guadiana, e onde se hospedaram os cerca de trezentos convidados, bem como o número e género de tropa presentes nas celebrações. Trata-se de uma planta geral da vila, com suas casas e o nome dos respetivos proprietários (Fig. 1). Dentro de toda a elite convidada, os hóspedes iam sendo acomodados hierarquicamente no espaço urbano da vila, sendo que na Praça Real, na qual se destacava o obelisco com uma inscrição dedicada D. José I, ficaria a figura mais proeminente desta festa, que era o Governador do Reino do Algarve. As restantes plantas indicam o dia, o horário e o lugar das solenidades. Todas elas contemplam a planta da vila, embora se vá destacando o espaço urbano que serve de cenário às comemorações.

As duas primeiras plantas correspondem às celebrações que aconteceram a 13 de Maio, tendo a tarde como momento alto quando se descobriu a Coroa Régia do Obelisco. A terceira planta representa as cerimónias do dia



14 de Maio à tarde com a inauguração do Pelourinho, instalado numa outra praça da vila. A quarta e última planta relata como os hóspedes assistiram à sumptuosa coreografia dos militares, ao som de músicas e salvas de artilharia, e às encenações de situações de guerra e batalha entre os Regimentos de

Infantaria de Faro e Lagos, que tiveram lugar no Campo de Vila Real, no dia 15 de Maio de tarde.

Esta estrondosa festa, que durou três dias, virada ostensivamente para a vila de Ayamonte, em Espanha, é suficiente para suspeitarmos que se tratava de uma provocação. O destaque que é dado às manobras militares, certamente inspiradas nos ensinamentos do Marechal de Lippe, que reorganizou o exército português, por volta de 1762, insinua que a presença militar na inauguração de uma vila de fronteira não serviria apenas como “decoro” mas demonstrar ao rei, ao ministro, aos convidados (sobretudo aos convidados espanhóis) a numerosa e poderosa tropa disciplinada e organizada pelo Governador do Reino do Algarve³. Aliás, José de Sande Vasconcelos representa os festejos utilizando os signos e os esquemas semelhantes aos usados na preparação de acampamentos e táticas militares. Apesar de o propósito destes registos ser o de facilitar a descrição das coreografias e dos desfiles que foram combinados para as festas de inauguração, é o jargão e a organização militar que se evidencia. Esta é uma forma subtil de mostrar, ao rei e aos demais, que o reino do Algarve estava bem preparado política e militarmente com aquele governador⁴.

Para a leitura destes desenhos é ainda pertinente a narrativa das festas de Damião António de Lemos Faria e Castro, que foi um dos 300 convidados que assistiu às cerimónias de inauguração de Vila Real de Santo António. Embora a descrição deste nobre e erudito algarvio possa ter um cunho

peçoal ela descreve alguns pormenores das festividades que o engenheiro José de Sande Vasconcelos não conseguiu desenhar⁵, nomeadamente as luminárias que se colocaram à noite no rio Guadiana; as deslumbrantes corridas de carros magnificamente compostos com figuras luminosas; algumas frases dos discursos proferidos; as descargas de artilharia; as ceias com muita profusão e delicadeza que foram servidas na casa de Alberto Luiz, diretor das festas, entre outros pormenores⁶.

Mappa resumido da entrada que o ill.mo e ex.mo senhor conde de Val de Reys mandou fazer a ill.ma pessoa do ex.mo er.mo senhor D. Joze Maria Bispo deste Reyno

Nesta cartografia, já com o papel desbotado e tom defumado, sobressai sobre um fundo sombrio o cortejo que representa um cenário grandioso e histórico para o Reino do Algarve, que foi o recebimento do Bispo D. José Maria de Melo para tomar posse da Diocese do Algarve. Este mapa, bem como todo o aparato da cerimónia, foi encomendado pelo então Governador, D. Nuno José Fulgêncio de Mendonça e Moura, (6º) Conde de Vale de Reis (Fig. 2)⁷. Apesar de a Sé se localizar na cidade de Faro, as cerimónias realizaram-se em Tavira por ser a sede de Governo de Armas do Reino do Algarve, desde o terramoto de 1 de Novembro de 1755.

José de Sande Vasconcelos regista e explica em legendas pormenores que evidenciam a prévia preparação do espaço para receber o ilustre bispo. Todas as ruas pelas quais o cortejo desfilou tinham sido tapetadas com olorosos ramos de junco e decoradas com arcos de triunfo; e nas janelas das casas encontravam-se estendidas as mais ricas e coloridas tapeçarias. Todo o cortejo estava organizado e distribuído hierarquicamente no espaço urbano. Assim, estava previsto que o povo saudasse D. José Maria de Melo, devidamente escoltado pelo Regimento, Corpo de Ordenança e tropa do Corpo da Guarda, num terreno próximo a um caminho que se dirigia para Castro Marim, sendo aí o princípio da procissão. Em frente à rua de São Lázaro, o bispo era venerado pelos Religiosos de São Francisco, do Carmo, de Santo António, Paulistas, da Graça, de S. Bernardo e demais



religiosos e clérigos do Reino do Algarve. Na rua do Poço da Pomba, antes da passagem do arco de triunfo que fora armado no início da ponte, esperavam o bispo o corpo de governadores, oficiais militares, nobreza e ministros do Reino do Algarve. Nos lugares de honra da cidade, que eram as praças, marcavam presença as paradas militares. Do palácio do Governador até à igreja Matriz de Tavira, onde D. José Maria de Melo fora dar graças, o regimento estava distribuído em alas.

Com a intenção de tornar mais viva toda a envolvência, Sande Vasconcelos explica nas legendas os sons que constantemente se ouviram por toda a cidade de Tavira: *“dando muitas salvas de artilharia ...juntamente com a tropa e em repetidas descargas”*. E, para aumentar a realidade daquela cerimónia, este engenheiro militar esboça uma das vertentes dos alçados das casas daquelas ruas que serviram de cenário às festividades.

Conclui-se que para além das diferentes técnicas de representação dos dois exemplos cartográficos e distintos usos para os quais estes desenhos foram elaborados, é evidente uma mensagem comum em ambos os

registos: as celebrações ou festas barrocas visavam, antes de mais, mostrar a todos os participantes na cerimónia o poder do Estado e da Igreja; por outro lado os registos detalhados das cerimónias visavam dar conta à Coroa da capacidade organizativa e dos meios que as autoridades do Reino do Algarve possuíam. Se o trabalho de José de Sande Vasconcelos foi essencial para veicular esta mensagem, a minúcia que colocava nos seus desenhos leva a questionar se o fazia meramente para informar, se também por necessidade de adulação dos seus superiores. Certo é que o engenheiro se tinha em boa conta e, enquanto Lente da Aula de Tavira, chegou a referir que os seus alunos eram os melhores desenhadores do Reino de Portugal⁸.

Notas:

¹ Relativamente aos dados biográficos e levantamento dos seus trabalhos cartográficos há, evidentemente, as referências no dicionário de Viterbo (1988:III:10) e em Cristóvão Aires de Magalhães (1910-1920:XV:185-191); e no âmbito do trabalho no Algarve são vários os textos que Carlos Pereira Calixto publicou nos vários *Anais do Município de Faro*. No entanto, o estudo até agora mais aprofundado, que procurou fazer uma sistematização prévia do trabalho elaborado por Sande de Vasconcelos, é o de Francisco António Dias Brabo, que foi publicado no livro *Manoel de Azevedo Fortes (1660-1749): Cartografia, Cultura e Urbanismo, Fernandes* (2006).

² A carta que este Governador remeteu para a Corte no dia 30 de Maio de 1776 revela que o objetivo destes desenhos era relatar ao rei D. José e ao seu ministro, Marquês de Pombal, o modo como decorreram os festejos. “*Tenho a honra e a satisfação de oferecer a vossa excelência inclusas nesta carta as ordens que distribui na Vila Real de Santo António para as continências, salvas, manobras e evoluções com que a tropa que mandei ajuntar naquela vila, cooperou para o decoro, ornato e luzimento das festividades que nela se celebraram no dia treze do corrente, e nos dois dias sucessivos, em que se trasladou o Santíssimo Sacramento para o novo templo; em que se dedicou o obelisco, erigido na Praça da mesma vila; e em que vossa excelência cumpriu os seus felicíssimos anos com aplauso universal. Igualmente ofereço a vossa excelência as plantas, em que mandei pelo Sargento Mor Engenheiro José de Sande Vasconcelos, que conformando-se com as mesmas referidas ordens, figurasse a execução de todas elas em tudo que fosse susceptível de demonstração. Espero que vossa excelência receba benignamente este obséquio do meu sincero afeto; e também a outra planta e relação que ponho na presença de vossa excelência de todas as pessoas de distinção que deste Reino, e o de Castela, se hospedaram na sobredita vila e assistiram às mencionadas Festividades. Eu irei daqui continuando todas as semanas as minhas visitas à sobredita vila, não perdendo nunca as ocasiões de satisfazer a sua majestade, e a vossa excelência*”. As cartas referentes à fundação e inauguração de Vila Real de Santo António podem ser consultadas em José Eduardo Horta Correia (1997:439-444).

³ Segundo Margarida Tavares da Conceição (2001:1286), a partir do século XVII a disciplina do exército é quase preocupação constante dos governadores e oficiais, que submetem os soldados a treinos quotidianos, envolvendo exercícios, paradas e marchas, ao mesmo tempo que produzem movimentos coreográficos acompanhados de ritmos e sons codificáveis provenientes dos tambores. De acordo com Jaime Marquez (2011:179) “una de las consecuencias de esta novedad fue la ampliación de la distancia recorrida por el cortejo, prolongando el tiempo de exposición de los actores del poder ante la admiración pública y, por lo mismo, la exhibición de sus lujosas indumentarias, de su respectiva ubicación jerárquica y de los sonidos marciales que acompañaban el paso con tambores, pífanos y descargas de sus armas”.

⁴ De conteúdos e técnicas de representação semelhantes é a planta da *Demostración de la Función executada el día 20 de Agosto del año 1766 por la Tropa veterana y Milicias de la Ciudad de Caracas en celebrad de las Plausibles felicisimas Bodas de Nuestros Serenísimos Príncipes de Asturias*. Museo Naval. Colección: MN. Signatura: 30-A-6. Espanha.

⁵ Em todos estes mapas, a legenda ocupa grande parte do suporte que servia para descrever o irrepresentável ou aquilo que exigia uma explicação escrita, como interpreta Beatriz Bueno relativamente à existência de longas legendas em muitas das cartografias (Bueno, 2008:375-383).

⁶ As festas de Inauguração da Vila Real de Santo António encontram-se relatadas por Damião António de Lemos Faria e Castro no capítulo I intitulado “Escreve-se a Fundação de Vila Real do Guadiana com a Principais das suas Circunstancias” e no capítulo II sob o título “Sagração da Igreja Paroquial de Vila Real, Festas, que nesse dia se fizeram, dignas das memórias do Algarve”, pertencentes ao Livro III da *História Geral de Portugal e suas Conquistas*, que nunca chegou a ser publicado. No entanto, os citados capítulos podem ser consultados em António Rosa Mendes (2010: 197-202).

⁷ De acordo com Pedro Paiva (1993:121), para que o bispo fosse recebido na devida solenidade eram expedidos avisos que anunciavam a sua chegada; e eram destinados às autoridades eclesiásticas, à administração municipal e ao Governador, por serem estes mesmos os responsáveis pela organização das solenidades.

⁸ Em 1796 é nomeado lente proprietário da cadeira do regimento de infantaria de Faro, na cidade de Tavira. Contudo, já dava aula em Tavira desde 1786 ou 1787, quando ela foi criada pelo Conde de Vale de Reis, Nuno José Fulgêncio de Mendonça e Melo.

Fontes e Bibliografia:

Demostración de la Función executada el día 20 de Agosto del año 1766 por la Tropa veterana y Milicias de la Ciudad de Caracas en celebrad de las Plausibles felicisimas Bodas de Nuestros Serenísimos Príncipes de Asturias. Museo Naval. Colección: MN. Signatura: 30-A-6. Espanha.

Mappa rezumido da entrada que o ill.mo e ex.mo senhor conde de Val de Reys mandou fazer a ill.ma pessoa do ex.mo er.mo senhor D. Joze Maria Bispo deste Reyno, Biblioteca Nacional de Portugal (1787).

Plantas das manobras realizadas a 13, 14 e 15 de Maio de 1776 (reprodução do Arquivo Municipal de Vila Real de Santo António para as Comemorações da Fundação de Vila Real de Santo António), Ed. Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 2007.

Aires de Magalhães Sepúlveda, Cristóvão. *História Orgânica e Política do Exército Português - Provas*, Vols. I-XVII. Lisboa: Imprensa-Nacional, 1910-1929.

Dias Brabo, Francisco. “O engenheiro militar José de Sande Vasconcelos”. In Gonçalves Fernandes, Mário (coord.). *Manoel de Azevedo Fortes (1660-1749): Cartografia, Cultura e Urbanismo*. Porto: ed. GEDES, Departamento de Geografia da Universidade do Porto, 2006.

Horta Correia, José Eduardo. *Vila Real de Santo António, Urbanismo e Poder na política Pombalina*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1997.

Paiva, José Pedro. “O Cerimonial da Entrada dos Bispos nas suas dioceses: uma encenação de Poder (1741-1757)”. In *Separata da Revista da História das Ideias* Vol.15, Coimbra: Faculdade de Letras, 1993.

Piccolloto Siqueira Bueno, Beatriz. “O engenheiro artista: as aquarelas e as tintas nos mapas do Novo Mundo”. In Furtado, J. (org.). *Sons, formas, cores e movimentos na modernidade atlântica*. São Paulo: Annablume, 2008.

Rosa Mendes, António. “Um Testemunho directo acerca da fundação de Vila Real de Santo António”. In *Vila Real de Santo António e o urbanismo Iluminista*. Vila Real de Santo António: ed. Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 2010.

Sousa Viterbo, Francisco de. *Dicionário histórico e documental dos arquitectos, engenheiros e construtores portugueses*, Vol. 3. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1988.

Tavares da Conceição, Margarida. “A praça de guerra como cenário barroco”. In Aranda, Ana María, Ramón Gutierrez, Fernando Quiles (orgs.). *Barroco Iberoamericano. Território, Arte, Espaço y Sociedad*, Actas del III Congreso Internacional, Sevilha: Ediciones Giralda - Universidad Pablo de Olavide, 2002.

Valenzuela Márquez, Jaime. “La militarización de las celebraciones públicas en el Chile de los Borbones y la Independencia”. In *Revista Complutense de Historia de América Norteamérica* Vol. 37 (ene 2012). Disponible em: <http://revistas.ucm.es/index.php/RCHA/article/view/38245> (Fecha de acceso: 4 feb. 2014).